

Valeria Corbella*

O reconhecimento do sujeito: Debates pós-modernos para uma psicanálise de fronteiras

Introdução

O homem do século XXI está sujeito a grandes dilemas de difícil resolução; difícil devido à complexidade dos mesmos, mas apesar dela, lhe está demandado encontrar alguma solução possível. A complexidade que hoje em dia se apresenta à humanidade inteira é matéria já sabida e frisa a ideia de um homem multideterminado em permanente conectividade consigo mesmo e com seus semelhantes. A importância dessas noções gerais permite um aprofundamento na contemporaneidade da psicanálise. A inclusão da intersubjetividade facilitou a ampliação das fronteiras originárias com a finalidade de poder compreender novos fenômenos mentais.

No ensaio que segue, serão percorridos terrenos de intersecção entre diferentes formas de conhecer o objeto da psicanálise. Ao ampliar sua territorialidade em direção a zonas de convergência interdisciplinar, reflete-se sobre o status epistemológico desta disciplina. O pensamento complexo penetra com suas teorizações sobre a recursividade e facilita uma compreensão dialética do vínculo entre o sujeito e o objeto. O surgimento dessas ideias foi uma das principais bases para uma psicanálise contemporânea que também acabou por estender seus limites. Em seu devir, ela mesma, a psicanálise, foi absorvida por diferentes regiões e culturas, transformando-se em produções mestiças. Esta é a essência da psicanálise latino-americana contemporânea; o encontro entre o estrangeiro e o autóctone oferece um modelo característico de uma região que compartilha fatos fundantes em suas histórias.

A constituição subjetiva tem suas marcas de época e de região. Neste texto, é pensada a partir de três espaços que incorporam dife-

choanalysis is one of them, in particular to understand and accompany to elaborate the various traumatic levels that are inherent to the individual and group migrations of human beings. Every encounter with the new has a traumatic potential for being in relation to the presence of the *Other* different from the one found after crossing the border into an unknown emotional and relational world with the consequent frustrations. Such crossing entails experiencing the different mourning processes with their corresponding ways of processing them. The administration of the anxieties of those who emigrate and those who receive the immigrant can range from a violence that takes care of and organizes to a disorganizing aggression. The result of such disorganization can be expressed in the various areas where human behavior unfolds: in the body, the mind or in the social. I illustrate, through some vignettes of my own personal experience, what is stated in this brief theoretical reflection.

Keywords: *Migration, Trauma, Mourning, Other. Candidate to keyword: Border.*

Referências

- Achotegui, J. (2009). Migración y salud mental: El síndrome del inmigrante con estrés crónico y múltiple (síndrome de Ulises). *Zerbitzuan*, 46, 163-171.
- Bion, W. R. (1966). *Attention and interpretation*. Londres: Karnak.
- Bohleber, M. [International Psychoanalytical Association] (30 de setembro de 2019). *Refugees and immigrants: How can psychoanalysis contribute?* [arquivo de vídeo, seminário web]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OyeFk4236AE>
- Freud, S. (1986a). Estudios sobre la historia. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 2). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1893-1895).
- Freud, S. (1986b). Las pulsiones y sus destinos. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1986c). Moisés y la religión monoteísta. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1939).
- Freud, S. (1986d). Psicología de las masas y análisis del yo. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1987). 22ª conferencia. Algunas perspectivas sobre el desarrollo y la regresión. Etiología. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 16). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1916-1917).
- Freud, S. (1989). El yo y el ello. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923).
- Goldstein, M. (2006). El exilio subjetivo de las experiencias migratorias. Em M Goldstein, *Erótica de la crueldad* (pp. 45-49). Buenos Aires: Lugar.
- Goldstein, M. (7 de junio de 2016). ¿Por qué la paz? Relectura del texto freudiano. Mesa sobre Trauma y lazo social, Asociación Psicoanalítica Argentina, Buenos Aires. Disponível em: <https://www.elsigma.com/columnas/por-que-la-paz-relectura-del-texto-freudiano/13096>
- Grinberg, L. y Grinberg, R. (1982). *Psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madri: Alianza.
- Horney, K. (1945). *La personalidad neurótica de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1937).
- Prengrer, A. [International Psychoanalytical Association] (30 de setembro de 2019). *Refugees and immigrants: How can psychoanalysis contribute?* [arquivo de vídeo, seminário web]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OyeFk4236AE>

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

rentes regiões do sujeito. Como coordenadas, as referências se fazem aos espaços intrasubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo, os quais facilitam a compreensão dos múltiplos fatores que intervêm na constituição do sujeito. Perto do final deste artigo, a noção de intersubjetividade é iluminada como precursora de um posicionamento ético quanto ao vínculo com outro. Tomando emprestadas conceptualizações filosóficas sobre o reconhecimento, este é situado como parte da atitude do analista frente à estranheza suscitada pelo encontro com um outro, a quem se está demandado compreender na multiplicidade de sua subjetividade.

Fronteiras epistemológicas e filosóficas

Todo debate científico se determina sobre um terreno imperceptível, mas sempre presente, formado pelo campo da filosofia, da epistemologia e da antropologia, três disciplinas diferentes que compartilham o interesse sobre as questões fundamentais do homem. Se as duas primeiras abordam temas relativos à verdade, ao conhecimento, ao corpo e à sua relação com a mente e a linguagem, entre outras, a antropologia situa o homem em um contexto integral. Seu objeto de estudo vincula a dimensão biológica do homem com o mais especificamente humano: a diversidade de suas expressões culturais e linguísticas. As fronteiras entre estas disciplinas se desenham delimitando a especificidade de seus objetos e metodologia de estudo, mas ao mesmo tempo se dissipam enquanto compartilham territorialidades. O mesmo acontece aqui com a psicanálise contemporânea. Seu objeto de estudo ampliou uma extensão originalmente ligada aos processos inconscientes para poder dar conta da estruturação de um sujeito multideterminado enquanto ser biopsicossocial e espiritual. Ali, a noção de inconsciente se incorpora em uma nova geografia marcada por fatores de época sempre mutantes. Questões de sexualidade e gênero, novas configurações familiares, novas linguagens, novas patologias determinadas por fatores sociais e a tecnologia – somente para lembrar algumas – condicionam a estruturação subjetiva contemporânea. A biologia e o contexto no qual se expressa, parecem não conhecer fronteiras precisas e são recursivamente causa e consequência uma da outra.

Na atualidade, e há várias décadas, o debate epistemológico sobre a integração dos diversos saberes levou a múltiplas discussões sobre o status do conhecimento científico. O pensamento pós-moderno facilitou a queda de dogmas clássicos, assim como o desbloqueio de ideias e modos de abordar o conhecimento que até então eram qualificados de pouco científicos. O pensamento linear e determinista, próprio de paradigmas positivistas e naturalistas, é insuficiente para compreender a complexidade humana, e são vários os autores (Bernardi, 2003; Klein, 2013; Newel, 2013; Welch, 2009) que sustentam

que esses enfoques tendem a um olhar reducionista e já não podem dar conta da diversidade do mundo atual. A classificação de Dilthey, em ciências naturais e humanistas, não parece suficiente (Castro, novembro de 2019; Leuzinger-Bohleber, 2015), e os contextos institucionais e culturais não podem ser esquecidos quanto à influência que exercem na construção e difusão do pensamento científico (Bernardi, 2003).

A situação da psicanálise é inclusiva porque se atreve a percorrer fronteiras sem perder sua especificidade. Seu *corpus* teórico permite dialogar com diversas disciplinas (arte, cultura, neurociências, psicologia, medicina etc.), o que se evidencia em pesquisas que dão conta de seu olhar pluralista (Seitler, 2018). Esse pluralismo disciplinar – que não é um relativismo (Bernardi, 2003; Maldonado, 2014; Strenger, 1991) – se expande e promove um diálogo dirigido à busca de uma verdade sempre parcial e relativa. É bom lembrar que as teorias científicas – mesmo as das ciências mais duras – não deixam de ser hipóteses vinculadas a modos de interpretar subjetivamente a realidade, e a psicanálise fez disso uma verdadeira técnica de abordagem de aspectos profundos da personalidade.

Nesta zona de fronteiras, os diversos enfoques podem conviver pacificamente, ainda que não sem tensões, e que funcionam como motor para o avanço do conhecimento (Ahumada, 1997/1999; Fonnagy, 2015; Klimovsky e Hidalgo, 2012; Leuzinger-Bohleber, 2015). A gestação de novas hipóteses e novas colaborações, tanto teóricas como clínicas, conduzem ao desenvolvimento e avanço de toda disciplina.

Estas propostas não são apenas questões epistemologicamente teóricas ligadas a saberes abstratos e filosóficos. Em seu substrato mais prático, implicam a noção de um sujeito que não é previsível e não resiste à aplicação de procedimentos generalizáveis. Este posicionamento não é de menor valia em épocas nas quais a tendência desliza para a atomização do sujeito em sua dimensão mais biológico-evolutiva. Noções como mente, cérebro e sujeito se confundem em suas diferenças e pontos de ancoragem.

Aqui, a psicanálise permite uma iluminação na matéria que a ela compete: seu objeto de estudo é o sujeito do inconsciente. Frase batida, mas que implica o reconhecimento de um desconhecimento que excede a consciência. Também se reconhece um sujeito de consciência, mas este não define a especificidade da psicanálise em relação a outras abordagens terapêuticas. Esse excesso toma as formas substitutivas por meio de palavras, sintomas, sonhos e atos. É ali onde as fronteiras entre a realidade fática e a realidade psíquica se misturam em novas representações e, precisamente por isso, que a abordagem das ciências naturais resulta insuficiente (Gabriel, 2016/2019). Nesse sentido, a episteme psicanalítica tem sua marca pluralista, ao amalgamar duas tradições criando uma representação nova. Algo disso vis-

lumbraram Green (2002/2010), com a noção de *pensamento clínico*, e também Piera Aulagnier (1984/2003), com a metáfora do analista como um *historiador em busca de provas*. Ambos sugerem esse duplo limite com o qual o analista se confronta; uma tarefa que se coloca entre a busca de provas fáticas e a arte de interpretar uma realidade que o sujeito desconhece. Na disputa entre a tradição interpretativa e a tradição hipotético-dedutiva, em última instância, continua-se a reclamar pelo status da representação de uma realidade e de uma verdade que sempre beiram os limites do não verificável.

Estas considerações se entrelaçam com fundamentos de perfil filosófico relativos à singularidade do sujeito. O substrato psicanalítico – tanto teórico como clínico – leva o homem a seu fundamento mais humano, mais único e não reproduzível. Ou seja, olha o sujeito em sua dimensão mais livre porque o confronta com o reconhecimento de seu não saber sobre si mesmo, sempre em relação com um outro. A episteme psicanalítica dá conta disso situando-se na fronteira que permite o trânsito entre o natural e o social. O intrasubjetivo e o intersubjetivo se plasmam em uma biologia representada na noção metapsicológica de pulsão, a qual se dirige ao outro (objeto/sujeito) para poder se manifestar. Sujeito e objeto se entrelaçam de maneira recursiva e dialética. A consideração de laços sociais e culturais como elementos fundantes do sujeito problematiza a compreensão do mesmo e expande, hoje mais que nunca, sua complexidade.

A sempre presente pergunta sobre uma ou várias psicanálises pode encontrar formas conciliadoras em compreender que esta disciplina navega entre duas fronteiras epistemológicas e gera um modo particular de abordagem dos fenômenos mentais e dos elementos que intervêm nos processos de subjetivação. Ali, onde alguns sentenciam sua debilidade epistemológica, outros vislumbram sua fortaleza.

A psicanálise latino-americana e seus próprios territórios: Pluralismo e intertextualidade

Pois bem, a psicanálise latino-americana tem uma característica particular associada à noção de intertextualidade. Pluralismo e intertextualidade se vinculam estreitamente, mas também denotam suas diferenças.

O pluralismo é um posicionamento filosófico oposto ao monismo e se diferencia do relativismo (Strenger, 1991)¹, sendo assim, as teorias não resultam no mesmo pensamento. A particularidade do pluralismo se vincula ao intercâmbio de ideias, conceitos e teorias que não apenas coexistem, mas se enriquecem mutuamente de forma complementar, facilitando a validação das diferentes disciplinas.

1. Segundo Strenger, o relativismo implica que a mesma proposição pode ser verdadeira e falsa, trazendo o inconveniente da inconsistência no sistema de crenças.

Além disso, é um diálogo aberto, científico e produtivo. Científico porque implica uma metodologia de pesquisa sistemática com uma finalidade última orientada à busca de verdade; produtiva porque produz conhecimento, e aberta na medida que inclui múltiplas perspectivas dentro da própria psicanálise dando, ademais, lugar à inclusão de outras disciplinas. Pode se dizer que outorga ao *corpus* teórico da psicanálise contemporânea uma consistência e robustez científicas próximas à epistemologia da complexidade, a qual se percebe em seus desenvolvimentos interdisciplinares. Isso permitiu a incursão da psicanálise em âmbitos acadêmicos e científicos nos quais era antes repudiada. Pesquisas clínicas e extraclínicas são as que sustentam essa perspectiva.

A intertextualidade propõe um olhar diferente enquanto conceito proveniente da linguística. Baktin (Bajtín, 1963/1986, 1975/1989) se referiu a ela no sentido de um pensamento construído como absorção e transformação de outras ideias e pensamentos existentes. Uma polifonia de vozes na qual convergem diferentes textos sobre os quais se acrescentam o próprio de cada autor.

Estas perspectivas não se sustentam nas clássicas lutas dualistas. O paradigma da complexidade se assemelha ao modelo de rizoma (Deleuze e Guattari, 1980/2002), no sentido de que a organização das teorias não segue uma subordinação hierárquica. As fronteiras deste novo mapa estão delimitadas, mas por momentos a interpenetração das mesmas consegue criar um produto novo.

A psicanálise latino-americana contemporânea se constrói a partir de um conjunto de textos e autores que encontram influências nas regiões às quais pertencem, suas culturas e suas instituições. É um diálogo que reforça seu caráter dialógico, marcado por diversos eixos que habilitam múltiplas entradas, que por sua vez abrem as portas a novas entradas e novos pensamentos, enriquecendo o intercâmbio e o acontecimento (Gómez, 2018). Estas influências, que podem se estender à psicanálise enquanto disciplina, aprofundam-se ainda mais na particularidade de uma região.

A intertextualidade corre por canais um pouco diferentes daqueles do pluralismo. Talvez, mais afastada de clássicos rigores fáticos e verificáveis, outorga ao encontro clínico a riqueza que caracteriza o encontro com o humano. É o lugar da criatividade e do acontecimento que permite o surgimento e a compreensão de um sujeito.

De recente publicação (Gómez e Tauszik, 2018) surge um livro que representa, de muitas formas, as vozes que caracterizam o pensamento psicanalítico latino-americano contemporâneo. Ali se ouvem os sons do pluralismo e da intertextualidade com claras influências anglo-saxãs e europeias, mas que, ao serem escutados, confluem em versões latino-americanas com substratos comuns.

As diferenças existem e não é possível sustentar ferreamente um denominador comum para todos os países da região, mas também

podem se encontrar terrenos compartilhados que talvez sejam os que permitam se falar, atualmente, de um pensamento latino-americano que se diferencia do de outras regiões.

Em primeiro lugar, parece haver um fator histórico que faz com que diferentes referências da região expressem ideias similares: uma formação pluralista ou de mestiçagem, tal como alguns referem. Originalmente, a psicanálise nesta região foi um produto de exportação europeia que deu origem a mestiçagens próprias do encontro de duas culturas; influências de analistas imigrantes ou exilados da Europa que, impregnados pelos ensinamentos dos primeiros mestres, foram se fusionando com a sociedade e com a cultura regional, e lançaram um novo modelo. Noções como vínculo e campo analítico, baluartes e estilos discursivos, perspectivas técnicas referidas ao enquadre e à contratransferência, entre muitas outras, têm uma marca especificamente regional (Cassorla, 2018; Menezes, 2018; Moreno, 2018; Nemirovsky, 2018; Puget, 2018; Tubert-Ocklander; Uribarri, 2018).

Referências sociais, culturais e políticas também são comuns e se consolidam no pensamento latino-americano no que diz respeito à constituição subjetiva, adquirindo uma espessura particular e um viés interessante. A história latino-americana tem acontecimentos compartilhados como ditaduras, pobreza, corrupção e demais condições sociais que expressam a polarização da sociedade. Estas condições são, muitas vezes, as que geram fatores desencadeantes de quadros psicopatológicos. A falta de trabalho, a instabilidade e precariedade de certas condições, e a falta de acesso a necessidades básicas de uma grande parte da população faz com que o mapa dos conceitos fundamentais da psicanálise ganhe matizes particulares.

Outro aspecto que psicanalistas de alguns países referem é a formação psicanalítica dentro da universidade. A psicanálise está muito presente na formação de graduação, e nesta região não se entende como parte da história da psicologia clássica, mas como uma das correntes mais fortes e de maior pregnância na cultura do país – Argentina é um caso paradigmático. Os analistas estão na universidade e nos hospitais fazendo com que suas ideias e sua prática se estendam em duas áreas centrais: a educação e a saúde pública.

Estes indicadores se encontram referenciados em alguns autores que, embora não façam um estudo histórico da psicanálise latino-americana, deixam entrever as origens da mesma e a situação atual (Bruce, 2018; Fainstein, 2018; Laks Eizirik, 2018; Marcano, 2018; Orduz, 2018; Santander, 2018; Valencia Mejía, 2018).

A eles se soma um olhar subjetivo, entendendo que o estilo vincular dos analistas latino-americanos, mais além de seus alinhamentos teóricos, se caracteriza por formas cordiais e afetuosas muito próprias de sua cultura. Isso que em analistas da região pode ser natural e espontâneo, em outras regiões poderia ser uma falta grave no enquadre (por exemplo, modo de cumprimentar, de falar, proximidade

afetiva, etc.). Isso não implica que noções vinculadas ao enquadre psicanalítico sejam silenciadas, mas sim que as mesmas adquirem as vestimentas próprias da região.

Uma paciente radicada na França entra em contato comigo a partir da indicação de um colega. A proposta era, desde o princípio, uma análise via Skype. Na primeira entrevista *on-line*, refere:

É estranho, conheço você pela primeira vez na tela, isso é estranho para mim, que sempre tive terapeutas ao vivo e direto. Quando vim para cá, meu analista não quis seguir com terapia *on-line* e me encaminhou para um analista francês. Fui algumas vezes, mas não me senti à vontade. Quando cheguei me deu a mão, e não gostei, nós estamos acostumados a dar beijos. Também não foi só por isso, sei lá. Senti que ele era muito frio, muito distante, e sei que era muito bom porque procurei no Google. Não voltei. Não imaginava poder lhe contar minhas coisas, como se a confiança não fosse se gerar nunca. Por isso estou aqui, por Skype, é como se, para me sentir à vontade e poder falar, necessitasse um argentino, alguém que me entenda em minha argentinidade, os franceses são muito diferentes de nós.²

Mestres como Pichón Rivière, Baranger, Bleichmar, Berenstein e Puget, entre tantos outros, inundaram o campo com as noções de grupo, realidade social e campo analítico. A isto se acrescenta a influência dos fatores sociais e políticos no encontro analítico, que nunca é simples incluir. Tal é a dificuldade que Puget (2018) deu a estes fatores a denominação de “os órfãos da psicanálise” (p. 298), para em seguida perguntar se

... poderia este tipo de olhar, principalmente no que diz respeito à subjetividade social e à política, ser mais viável em países latino-americanos que não têm uma longa história de solidez política e social, como têm os países europeus. (p. 305)

Em síntese, e anunciando as ideias seguintes, a psicanálise latino-americana tem zonas de confluências compartilhadas na região: fatores histórico-sociais e políticos, educativos, comunitários e culturais. A maior parte de suas diretrizes apresenta coincidências que demarcam o interesse por aspectos da constituição subjetiva em relação com um outro, ambos inseridos em uma época, cultura e sociedade determinadas.

Coordenadas da constituição subjetiva

As coordenadas – ainda que sejam magnitudes que permitam a posição exata de um ponto sobre a Terra – fazem alusão também a sistemas de referências que facilitam a análise de certo fenômeno ou acontecimento. Esta segunda acepção é mais afina com o propósito das próximas linhas. Falar da constituição subjetiva ou de processos

2. N. do T.: Esta e as demais citações são traduções livres.

de subjetivação requer certas coordenadas que iluminem um caminho extremamente complexo e sensível, o qual se percorre sabendo que outros ficam sem serem transitados.

Muitas teorias dão conta disso, e cada qual com suas diferenças, todas elas com seus vieses culturais e temporais. Freud, Klein, Lacan foram mestres pioneiros que souberam deixar por escrito suas marcas de época. Na leitura dos textos, e mais além de seus conteúdos, vislumbram-se recortes da época que condicionam seus modos de pensar e conceber o sujeito. Imperceptível e inconscientemente, deixaram esse *filio indiciário* (Ginzburg (2010), que leva a transitar dois caminhos simultaneamente: o das ideias e o do contexto de seu surgimento.

Precisamente por isso, a psicanálise é uma disciplina em permanente atualização – é quase forçada a sê-lo. Novas configurações sociais pressionam novas formas de construção de subjetividade próprias de cada época, que anunciam novas transformações na construção teórica e na implementação da técnica. As neuroses do século XIX perderam seu papel de protagonistas para os transtornos limite do século XX. Isso não quer dizer que os quadros neuróticos sejam assunto do passado, mas que o mapa psicopatológico se reconfigura junto com suas coordenadas. A neurose tinha sua ancoragem no desejo sexual infantil inconsciente, assim como os transtornos limite germinaram à luz de déficits narcisistas. E o século XXI: o que tem a dizer?

A conjunção de duas palavras, *psicanálise* e *contemporâneo*, leva à necessidade de deixar uma constância a esta permanente renovação. A clínica estende um fio referencial para construções subjetivas de cada época. O sofrimento psíquico de hoje se encontra em pacientes – não neuróticos/não psicóticos/não limite – com características próprias de funcionamentos dissociativos que não se ancoram nas metapsicologias já definidas. Desrealização, estranhamento de si e do próprio corpo, inexistência, vazio, tédio, ausência de desejo e falta de motivação são as sensações que descrevem muitos dos pacientes que hoje nos consultam. As configurações clínicas deixam a descoberto alguns indícios do modo em que os processos de subjetivação tiveram lugar em cada um deles.

Nestas diretrizes, a inclusão de certas coordenadas pode facilitar a compreensão da construção do sujeito. Elas são os espaços intrasubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo (Berenstein e Puget, 1997). A originalidade da proposta destes autores latino-americanos é que, a partir de espaços heterogêneos, conseguem situar o sujeito na simultaneidade desses registros.

Em uma síntese – que não dá conta da profundidade destes desenvolvimentos – poderia se destacar que o espaço intrasubjetivo é o lugar das pulsões e do corpo, das fantasias e dos desejos, das representações inconscientes do próprio eu e dos outros em termos

de relações objetais. Por outro lado, o espaço intersubjetivo é o lugar do vínculo e das representações mentais desse outro; um espaço intrasubjetivo que necessita da intersubjetividade para poder se expressar. Finalmente, um espaço transubjetivo, onde se configuram as representações entrelaçadas ao mundo real, físico e social; espaço que acolhe os órfãos da psicanálise, nas palavras de Puget. É o espaço dos movimentos e coletivos sociais, e das instituições; é o espaço da subjetividade social.

Toda teoria que considere a construção subjetiva organizada a partir destes três espaços, mais além de como sejam denominados dentro de cada perspectiva teórica,

implica sustentar que o próprio de cada sujeito singular se configura com e por interações com outros, em mútuas presenças que se alternam com ausências, em um certo contexto geográfico e social, de modo que todo sujeito é ao mesmo tempo produto e produtor de subjetividade, efeito e causa intersubjetiva. (Vidal, 2002, par. 25)

Inicialmente nossa disciplina iluminou os processos intrapsíquicos produtores de sofrimento, para depois continuar no aprofundamento dos elementos intersubjetivos. Estas ampliações teóricas e psicopatológicas também tiveram seu correlato nas modificações da técnica, do enquadre e do modo de entender e abordar o encontro analítico. Ali teve seu início a mencionada psicanálise contemporânea (Uribarri, 2018).

Ainda que tenha chegado mais tarde no *corpus* teórico, o espaço transubjetivo gera hoje em dia interrogantes que a psicanálise deveria atender dentro de seus fundamentos. Aqui se faz referência a todos os processos sociais e políticos que moldam os processos de subjetivação. Podemos entender como processos sociais a tecnologia, incluídas aí, as redes sociais, os jogos *on-line*, YouTube, entre outros? Parte dos movimentos como o #nenumamenos também são sociais e se originam fora de partidarismos, ainda que possam terminar dentro deles. Já em 2007 Silvia Bleichmar se perguntava sobre a ingerência da tecnologia nas novas organizações subjetivas das crianças. A sexualidade, sempre intrasubjetiva, hoje adquire dimensões transubjetivas com a noção de gênero como uma construção social. A homossexualidade e a transexualidade, capítulo obrigatório da psicopatologia de outras épocas, foram desconstruídas e pensadas como parte possível dos processos de subjetivação – ainda que existam países nos quais, por suas próprias culturas, nada disso ocorre. A noção de masculinidade também se encontra hoje sob interrogantes. Aparecem na clínica homens que apresentam conflitos quanto ao modo em que se posicionam frente à mulher. O choque entre o homem e o feminismo também apresenta um inexplorado espaço, à medida que perdeu seus antigos referentes.

Por outro lado, hoje também existem processos políticos, ainda que de formas “mais civilizadas” que aqueles do século XX, que na América Latina assumiram maneiras violentas e sangrentas. Na Argentina, especialmente o termo *brecha* (*grieta*) dá conta da polarização e da intolerância frente às diferenças políticas e ideológicas. Debates sobre a legalização do aborto ou do matrimônio igualitário entram em áreas transsubjetivas, e se estendem em direção a configurações psíquicas intra e intersubjetivas.

Estas e outras temáticas são as que questionam a psicanálise e a levam a espaços novos, nos quais ainda não se integram de maneira acabada em seu *corpus* teórico, mais além das fronteiras regionais. Atualmente, na psicanálise contemporânea latino-americana estas problemáticas estão muito presentes e confrontam o analista com sua própria construção subjetiva, e talvez pela presença de vetores históricos comuns à mesma região, é que os acontecimentos que ocorreram e os que estão ocorrendo “ajudam a entender o interesse dos psicanalistas latino-americanos pelo político e pelo social” (Cas-sorla, 2018, p. 420).

A psicanálise latino-americana nunca foi alheia a estes movimentos. As condições sociopolíticas e econômicas da América Latina nos levam, àqueles de nós que habitamos estas terras, a reconhecer um terreno sempre à beira da fratura. Explosões sociais, insegurança, ideologias carregadas de fanatismos, grupos políticos que empoderaram seus líderes como profetas salvadores são parte de nossa história. O resultado se traduz em fraturas sociais, produto dos fanatismos passionais junto com uma grande dificuldade de reconhecimento do outro, mas também de si mesmo.

É frequente que a desesperança social invada o consultório, um espaço que há não muito tempo era comparado com um laboratório de exploração de condicionantes intrapsíquicos. A falta de motivação, a tristeza e a desilusão, a falta de esperança quanto a melhorias na qualidade de vida, o temor a perder o trabalho, o ressentimento e a inveja pelas desigualdades, e o ódio por promessas não cumpridas são possíveis fatores desencadeantes dos renomados transtornos depressivos e transtornos de ansiedade que hoje ocupam os primeiros lugares a nível mundial (Organização Mundial da Saúde, 2017)³.

Problemáticas compartilhadas por todos os habitantes deste planeta, mas que em cada latitude adquirem formas e intensidades especificamente culturais.

O analista tampouco está isento desses condicionamentos, porque está inserido na mesma sociedade. Mediante a própria análise, talvez tenha conseguido certa imunidade, mas entender que sua

3. A prevalência estimada pela Organização Mundial da Saúde é de 300 milhões de pessoas para os transtornos depressivos e 260 milhões de pessoas para os transtornos de ansiedade.

afetação por estas condições é consequência de seus pontos cegos, é voltar a tempos passados nos quais, enquanto caíam bombas, os analistas mantinham suas acaloradas controvérsias. Os mundos se superpõem, e tanto paciente como analista compartilham temores e preocupações ligadas à ordem mais real dos fatos (Puget e Wender, 1982).

A política se intromete tanto de um lado como do outro do divã, do mesmo modo que certas reivindicações sociais. Assim, um paciente pode dizer com veemência: “estou eufórico com o resultado das eleições nacionais, mas fique tranquila, que não vou falar sobre isso. É óbvio que você é do grupo contrário. Ninguém que mora onde você mora poderia ter minha ideologia”. Mais além da abordagem técnica destas questões, a frase implica, além de supostas divergências políticas, uma alusão à diferença de classes. Entender este recorte a partir das coordenadas mencionadas é dar espaço ao movimento de constelações inconscientes que se colocam em jogo dentro da relação analista-paciente. Desse modo, as coordenadas intra e intersubjetivas resultam familiares, mas, na perspectiva proposta, a elas se soma um espaço transsubjetivo que protege da desmentida da ruptura de laços sociais que geram não menos que certo incômodo.

Para sintetizar, a noção de homem hoje está sujeita à complexidade da época, lugar e tempo. A técnica psicanalítica se encontra no seio de sua teoria, mas também recebe influências de condicionantes externos. A polifonia de vozes muda também segundo as linguagens e culturas. A psicanálise é própria de cada tempo, mas também própria de cada cultura. Sua prática em diferentes países se assemelha em seus aspectos mais estruturais, mas toma a cor de cada cultura. É por isso que, ao falar de uma psicanálise latino-americana, se faz referência a matizes específicos que nem sempre podem ser encontrados além das próprias fronteiras.

Breves notas sobre o reconhecimento de subjetividades e outreidades

A psicanálise se situa entre fronteiras, entre margens, na transicionalidade de um espaço mais criativo que subversivo. A escolha do termo não é aleatória. A subversão, vinculada à alteração de uma determinada ordem estabelecida, na América Latina tem demasia-das conotações ligadas a lutas armadas e enfrentamentos sociais. Ao contrário, a criatividade implica o ato de criar algo novo a partir do já criado, o que também lembra a noção de intertextualidade. Dentro destas margens, a noção do novo que não surge só da repetição, mas também do acontecimento, tem lugar. Se a criatividade nasce na transicionalidade dos espaços subjetivos, há duas coordenadas que também confluem na psicanálise latino-americana: a subjetividade e a outreidade.

A acentuação da recursividade entre o intrapsíquico e intersubjetivo é um dos traços próprios da psicanálise contemporânea, e a psicanálise latino-americana contemporânea não fica atrás. Noções como campo analítico, baluarte, contratransferência complementar e concordante, contraidentificação projetiva e vínculo, entre outras, têm um viés intrasubjetivo regional. A isso se soma esse terceiro espaço transubjetivo que permite pensar as construções subjetivas sociais. Mais além de suas procedências locais e suas filiações teóricas, são termos que foram se estendendo a analistas de toda a região, constituindo-se em embaixadores de um pensamento mestiço. O reconhecimento do outro na dupla terapêutica deixou sua marca desde os inícios.

A originalidade freudiana marcou o descentramento do homem de seu próprio si mesmo a partir de processos inconscientes. O homem está marcado por seu desejo e também por sistemas mentais que o regulam e transformam, situando-o no plano da intersubjetividade. Instâncias éticas e de autorregulação lhe permitem renunciar a seu desejo por amor a si mesmo e por amor a outros. Essa é a trama narcísica e a encruzilhada edípica.

A capacidade de amar, proveniente de Eros, propõe uma quebra na individualidade. O amor a outro faz com que as formas do narcisismo, mais original e déspota, se transformem em uma configuração que preserva tanto a si mesmo como o semelhante. Nesse sentido, o reconhecimento do outro enquanto portador de necessidades diferentes às próprias é a base da possibilidade da trama do sujeito ético (Agamben, 2011; Bleichmar, 2011).

A posição ética da constituição subjetiva é parte da carta de apresentação da psicanálise contemporânea e se direciona para o reconhecimento da dialética sujeito/objeto no campo analítico. O desenvolvimento subjetivo a partir do reconhecimento de um outro, conduz a um crescimento transformador a partir de mecanismos de autorregulação e de mutualidade (Benjamin, 2010; Bowlby, 1989; Fonagy, Gergely, Jurist e Target, 2002). É este processo o que permite expandir o verdadeiro si mesmo de forma criadora, viva e real.

O reconhecimento, tanto de si como de outro, implica a aceitação da diferença – ou melhor, da diversidade – e a tolerância à frustração que esta aceitação gera; o semelhante é, ao mesmo tempo, diverso. O analista, com sua presença e palavra, com seus modos de se reconhecer e reconhecer, poussa seu olhar no outro que sofre que é reconhecido como sujeito, mais além de seu padecer específico. Essa capacidade de reconhecimento está marcada pela ética que teve origem em sua própria análise, na qual também foi reconhecido como sujeito atravessado pela linguagem. O analista sabe que, com a finalidade de poder ajudar a um outro, deve se analisar. É a responsabilidade que assume porque reconhece que os próprios conflitos podem gerar um preconceito e danificar a um terceiro. O credo psicanalítico reza

assim: cura o próximo como a ti mesmo, delimitando fronteiras intrapsíquicas e interpessoais que caracterizam uma escuta específica baseada no reconhecimento do inconsciente próprio e alheio.

O reconhecimento também é precursor da palavra, já que situa o sujeito no encontro simbólico com outro. Este é o valor pessoal e social da linguagem, “tão logo como um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhe seus sentimentos e seus pensamentos, o fez procurar os meios para isso” (Rousseau citado em Ricoeur, 2004/2006, p. 192).

Debates e conclusões

Os debates atuais iluminam uma noção de sujeito que se caracteriza por ter múltiplas entradas. Um substrato silencioso, mas não por isso menos insidioso, é o que é abordado pela epistemologia. Reflexões epistemológicas sobre a noção de sujeito condicionam a metodologia da abordagem dos objetos de estudo das disciplinas. A psicanálise contemporânea – e, especificamente a latino-americana – dá conta de uma zona de confluência entre diversos métodos. Por momentos, o método científico pode ser aplicado com certa flexibilidade, facilitando estudos psicanalíticos clínicos referidos à eficácia de seus tratamentos ou pesquisas quantitativas baseadas na evidência. Ali emerge um olhar pluralista no qual a noção de interdisciplina acrescenta validade e robustez enquanto ciência. Além disso, o cruzamento com métodos interpretativos, próprios das ciências sociais permite uma maior compreensão sobre os elementos presentes em todo encontro humano, que não resiste a verificação empírica. Aqui surge a noção de intertextualidade, que facilita uma compreensão profunda daquilo que se desdobra no encontro analítico. Uma polifonia de vozes que se apoia na epistemologia que sugere a complexidade como modo de abordar as problemáticas do homem contemporâneo.

Nas reflexões sobre a constituição subjetiva se desenham espaços subjetivos que, a modo de coordenadas, iluminam três entradas: a da intrasubjetividade, a intersubjetividade a transubjetividade. O laço dialético entre as duas primeiras é o que marcou a denominação de uma psicanálise contemporânea. O terceiro espaço, o social, outorga uma marca especificamente regional à psicanálise latino-americana. Sustenta-se que a construção do sujeito tem elementos próprios de cada um destes espaços, os quais se conectam e relacionam em um permanente intercâmbio entre o fora e o dentro, entre o sujeito, o outro e os outros. Histórias compartilhadas dentro da região tem marcado traços específicos que afetam a clínica de um modo particular. Ali ressoa o social enquanto afeta as condições de mal-estar subjetivo, como a polarização da sociedade, a corrupção e a pobreza, a falta de emprego, as ditaduras produtoras de migrações, entre outras coisas.

O reconhecimento do desconhecido marcado pelos processos inconscientes, outorga a especificidade própria da psicanálise. A proposta frente às diversas mestiçagens, produto da fusão da psicanálise com os vieses culturais de cada região, faz que o conceito de reconhecimento do outro determine um posicionamento ético. A diversidade só pode ser aceita se o reconhecimento de outro, que não é um idêntico, ocorre. Esta proposta leva o analista à responsabilidade de reconhecer o diverso na clínica atual, para depois poder compreendê-la e interpretá-la.

Em outros tempos, o enquadre analítico funcionou como uma fronteira clara que permitia uma grande confiança no método. Assim como as patologias narcisistas e limite marcaram desvios pouco imaginados, hoje a clínica da falta de desejo, a difusão da identidade a partir dos embates da virtualidade, a perda de sentido e a solidão inundam os consultórios. Ali se faz sentir a necessidade do sujeito de ser reconhecido por outro. Por acaso a quantidade de *likes* nas redes sociais não dá conta das formas que adquiriu esta necessidade? Este afã dá conta do modo em que os fatores sociais condicionam a estruturação do sujeito em sua própria mesmidade e no vínculo com outros.

Hoje, mais que nunca, o descentramento do sujeito de seu si mesmo e a dificuldade de reconhecimento do outro como verdadeiramente outro parecem ser moeda corrente. Talvez o sentido, que se propõe aqui, desse conceito proveniente da filosofia, facilite a abordagem de temáticas contemporâneas que os pacientes mais jovens nos mostram de uma nova maneira.

Estas noções nos direcionam para o reconhecimento da subjetividade e da outreidade como eixos fundamentais no devir psíquico. Esses propõem um posicionamento ético e responsável, baseado em vínculos de amor e aceitação da diversidade.

Na atualidade, e devido aos desenvolvimentos sobre as variáveis existentes no encontro analítico, o analista é outro sujeito que escuta com a habilidade para estar presente e se ausentar para dar acolhimento à diversidade daqueles que o consultam. Sua escuta não é um ato passivo, “a escuta convida o outro a falar, liberando-o para sua alteridade. O ouvinte é uma caixa de ressonância na qual o outro se libera ao falar. Assim, escutar pode ter para os outros efeitos salutares” (Han, 2017, p. 79). Um vínculo amável, no qual tão somente o olhar, o tom de voz e a confiança na possibilidade de mudança é o que situa a psicanálise como um recurso de regulação e reconhecimento (Benjamin, 2010). Reconhecimento, compreensão e interpretação determinam um posicionamento do analista no encontro clínico. A filosofia mais abstrata e a psicanálise mais prática se conjugam e convergem em pilares básicos que se matizam com as cores próprias da região.

Resumo

Neste ensaio serão percorridos terrenos de intersecção entre diferentes formas de conhecer o objeto da psicanálise. Uma primeira entrada permite refletir sobre a episteme psicanalítica, que flui entre margens naturais e sociais. Estas ideias introduzem a noção de uma psicanálise latino-americana contemporânea como resultado de uma polifonia de vozes com ecos europeus e anglo-saxões que se fundiram com a cultura regional, dando assim um pensamento com características particulares, próprias da mestiçagem original. Esta virada em direção a novas formas de constituição subjetiva permite incluir três espaços subjetivos que, a modo de coordenadas, facilitam a compreensão do sujeito contemporâneo. Finalmente, a partir do binômio dialético sujeito/outro, se propõe o reconhecimento como parte de uma posição ética e responsável do analista frente à diversidade.

Palavras-chave: *Epistemologia, Interdisciplina, Psicanálise, Sujeito, Reconhecimento.*

Abstract

In the following essay, intersection terrain between different ways of knowing the object of psychoanalysis will be covered. A first entry allows us to reflect on the psychoanalytic episteme which borders between natural and social shores. These ideas introduce the notion of a contemporary Latinamerican psychoanalysis as a result of a polyphony of voices with European and Anglo-Saxon echoes that merged with the regional culture, thus giving a thought with particular characteristics, typical of the original miscegenation. The shift towards new forms of subjective constitution allows the inclusion of three subjective spaces, which, as coordinates, facilitate the understanding of the contemporary subject. Finally, based on the subject/other dialectical binomial, recognition is proposed as part of an ethical and responsible position of the analyst in the face of diversity.

Keywords: *Epistemology, Interdiscipline, Psychoanalysis, Subject, Recognition.*

Referências

- Agamben, G. (2011). *Desnudez*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo.
- Ahumada, J. L. (1999). Descubrimientos y refutaciones: El psicoanálisis clínico como lógica de la indagación. Em J. L. Ahumada, *Descubrimientos y refutaciones: La lógica de la indagación psicoanalítica* (pp. 409-430). Madri: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1997).
- Aulagnier, P. (2003). *El aprendiz de historiador y el maestro-brujo: Del discurso identificante al discurso delirante*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1984).
- Bajtín, M. (1986). *Problemas de la poética de Dostoievski*. México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1963).
- Bajtín, M. (1989). *Teoría y estética de la novela*. Madri: Taurus. (Trabalho original publicado em 1975).
- Benjamin, J. (2010). Where's the gap and what's the difference? The relational view of intersubjectivity, multiple selves, and enactments. *Contemporary Psychoanalysis*, 46(1), 112-119.

Berenstein, I. e Puget, J. (1997). *Lo vincular: Clínica y técnica psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.

Bernardi, R. (2003). ¿Qué tipo de argumentación utilizamos en psicoanálisis? *Psicoanálisis*, 25(2-3), 255-269.

Bleichmar, S. (2007). *La subjetividad en riesgo*. Buenos Aires: Topía.

Bleichmar, S. (2011). *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós.

Bowlby, J. (1989). *Una base segura*. Barcelona: Paidós.

Bruce, J. (2018). El psicoanálisis en Perú. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 1317-1333). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Cassorla, R. M. (2018). Enactment crónico-enactment agudo: Pasos de una investigación clínica. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 401-423). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Castro, C. A. (noviembre de 2019). *Marco teórico integrador de la psicología clínica y psiquiátrica o dualismo operativo: Psicofármacos-psicoterapia*. Trabajo presentado no 15° Congresso Internacional do Instituto de Bioética na Universidade Católica Argentina, Buenos Aires.

Deleuze, G. e Guattari, F. (2002). *Mil mesetas: Capitalismo y esquizofrenia*. Valencia: Pretextos. (Trabajo original publicado em 1980).

Fainstein, A. (2018). Una panorámica actual del psicoanálisis em Argentina. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 1213-1233). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Fonagy, P. (2015). Research issues in psychoanalysis. Em M. Leuzinger-Bohleber e H. Kächele (ed.), *An open door review of outcome and process studies in psychoanalysis* (pp. 42-60). Londres: International Psychoanalytic Association.

Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E. e Target, M. (2002). *Affect regulation, mentalization and the development of the self*. Nova York: Other.

Gabriel, M. (2019). *Yo no soy mi cerebro*. Barcelona: Pasado y Presente. (Trabajo original publicado em 2016).

Ginzburg, C. (2010). *El hilo y las huellas: Lo verdadero, lo falso, lo fáctico*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Gómez, F. M. (2018). Navegando en la contemporaneidad del psicoanálisis latinoamericano: Una travesía, una aventura, un desafío. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 39-56). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Gómez, M. e Tauszik, J. M. (2018). *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo*. Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado em 2002).

Han, B.-C. (2017). *La expulsión de lo distinto*. Barcelona: Herder.

Klein, J. T. (2013). The state of the field: Institutionalization of interdisciplinarity. *Issues in Integrative Studies*, 31, 66-74.

Klimovsky, G. e Hidalgo, C. (2012). *La inexplicable sociedad: Cuestiones de epistemología de las ciencias sociales*. Buenos Aires: AZ.

Laks Eizirik, C. (2018). Una visión panorámica del psicoanálisis brasileño contemporáneo. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 1235-1251). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Leuzinger-Bohleber, M. (2015). Development of a plurality during the one hundred year old history of research of psychoanalysis. Em M. Leuzinger-Bohleber e H. Kächele (ed.), *An open door review of outcome and process studies in psychoanalysis* (pp. 18-32). Londres: International Psychoanalytic Association.

Maldonado, C. E. (2014) ¿Qué es eso de pedagogía y educación en complejidad? *Intersticios Sociales*, 7, 1-23. Disponible em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/ins/n7/n7a2.pdf>

Marcano, S. (2018). Una mirada subjetiva sobre el psicoanálisis en Venezuela. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 1358-1371). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Menezes, L. C. (2018). Diferentes teorías, un psicoanálisis. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 735-752). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Moreno, J. (2018). Un recorrido centrado en lo singular. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 755-768). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Nemirovsky, C. (2018). El psicoanálisis que practico. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 665-684). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Newel, W. (2013). The state of the field: Interdisciplinary theory. *Issues in Integrative Studies*, 31, 22-43.

Orduz, L. F. (2018). Entre el colonizaje y las hibridaciones: Una reseña sobre el psicoanálisis em Colombia. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 1253-1272). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Organización Mundial de la Salud (2017). *Día Mundial de la Salud Mental 2017: La salud mental en el lugar de trabajo*. Disponible em: https://www.who.int/mental_health/world-mental-health-day/2017/es/

Puget, J. (2018). La clínica psicoanalítica em un presente fluido. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 295-306). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Puget, J. e Wender, L. (1982). Analista y paciente em mundos superpuestos. *Psicoanálisis*, 4(3), 503-536.

Ricoeur, P. (2006). *Caminos del reconocimiento: Tres estudios*. Mexico: Fondo de Cultura Económica. (Trabajo original publicado em 2004).

Santander, P. (2018). Sobre el psicoanálisis em Chile. Describiendo el estado del arte. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 1273-1292). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Seitler, B. (2018). Who sez psychoanalysis ain't got no empirical research to back up its claims: An extensive bibliographic compendium of studies. *Journal for the Advancement of Scientific Psychodynamic Empirical Research*, 2(1), 63-103.

Strenger, C. (1991). *Between hermeneutics and science: An essay on the epistemology of psychoanalysis*. Madison: International University Press.

Uribarri, F. (2018) ¿Cómo ser un psicoanalista contemporáneo? El trabajo psíquico del analista, las tres concepciones de la contra-transferencia y el nuevo paradigma contemporáneo. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 689-711). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Valencia Mejía, A. (2018). Instantáneas del paisaje psicoanalítico em México: antecedentes. Em F. M. Gómez e J. M. Tauszik (ed.), *Psicoanálisis latinoamericano contemporáneo* (pp. 1293-1315). Buenos Aires: Asociación Psicoanalítica Argentina.

Vidal, R. (2002). Los espacios psíquicos: intra, inter y transubjetivo: Ejemplificación mediante un tratamiento de pareja. *Aperturas*, 10. Disponible em: <http://www.aperturas.org/articulo.php?articulo=0000195>

Welch, J. (2009). Interdisciplinary and the history of western epistemology. *Issues in Integrative Studies*, 27, 35-69.